

TERRITÓRIO UNIVERSITÁRIO O CONFLITO ENTRE O PRETO E O BRANCO

Beatriz Delfino de Lima

RESUMO: Nascida no Maciço do Morro da Cruz, filha de pai e mãe pretos a procura da ascensão financeira a fim de proporcionar um futuro melhor às filhas, o passado até chegar à universidade foi forte, deslegitimada pela sociedade desde criança, o empoderamento não existia, ninguém ensinou, sempre levávamos como exemplo as pessoas brancas bem sucedidas que ali eram apontados diariamente. Chegamos à universidade totalmente despreparada (as), sem bagagem de leitura ou uma vivencia que nos preparasse para esse meio completamente branco, elitista, classista e segregado longe de nossas realidades. Chegamos à universidade tendo que nos portar, falar, vestir, mudar nossas concepções e lidar com aqueles que já foram preparados durante uma vida toda para estarem ocupando esses espaços. Os negros cotistas que chegam aqui são recebidos com um choque de realidade, nos é emposto o desafio da mudança que ninguém espera, de ter consciência da sua própria cor, pois nas escolas é ensinado que o negro (a) é igual ao branco e que não possuímos diferenças raciais num país segregado como o Brasil. Saímos de nossas casas no primeiro dia de aula acreditando que ao chegar à universidade será tudo diferente, por ser um ambiente acadêmico onde o acesso a informação chega. Deste modo saímos acreditando na instituição que escolhemos prestar um vestibular. Infelizmente a experiência foi e continua sendo totalmente diferente do nosso imaginário, chegamos aqui sendo recepcionados por olhares tortos carregados de racismo institucional, estrutural, constitucional e velado vindo de pessoas que estão no do topo da pirâmide da hierarquização social.

Palavras-chave: Raças, racismos, experiência, universidade.

INTRODUÇÃO

Nascida no Maciço do Morro da Cruz, região periférica da cidade de Florianópolis Santa Catarina - SC, filha de pai e mãe de origem étnica negra, procuravam ascensão financeira com o sonho de proporcionar um futuro melhor às filhas. O passado até chegar à universidade foi intenso pela deslegitimação da sociedade desde criança. A palavra empoderamento na época não havia sido citada e me pergunto sobre a etimologia da palavra EMPODERAMENTO.

Em 1977, o psicólogo norte-americano Julian Rappaport cunhou o termo *empowerment* a partir da palavra *power* (“poder”) para defender que era preciso dar ferramentas a certos grupos oprimidos para que eles tivessem condições e autonomia de se desenvolver¹.

Levávamos como exemplo pessoas brancas consideradas bem sucedidas por falta de um referencial étnico negro que pudesse nos inspirar. No sul do Brasil, a principal fonte de informação era a televisão, que ainda sustenta e sustentava a prática de subalternização da figura/imagem do negro, nas novelas, telejornais e publicidade. A prática de alisar os cabelos e redefinir os traços utilizando base facial um tom mais claro que a pele é uma das características do embranquecimento psíquico da nossa geração. A solidão da população negra, homens, mulheres e não binários, também é um ponto a ser discutido. O medo de ser e está sozinho o tempo todo e, também, a filosofia de que nascemos sozinhos, mas será que devemos ficar sozinhos?

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho aconteceu através de pesquisas de dados quantitativos e qualitativos usando a ferramenta do site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, com o intuito de analisar o índice de escolaridade da população Brasileira. O saber da experiência de Paulo Freire com a *Pedagogia do Oprimido* e do livro *Pele Negra Máscaras Brancas* de Frantz Fanon, que contribuíram na sintetização dos relatos dos estudantes negros universitários.

¹ Disponível em: <<https://ctb.org.br/noticias/cultura-a-midia/a-origem-do-conceito-de-empoderamento-a-palavra-da-vez/#:~:text=%E2%80%9CEmpoderamento%E2%80%9D%20%C3%A9%20um%20desses%20casos,e%20autonomia%20de%20se%20desenvolver.>>. Acesso em 14 de setembro de 2022.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Chegamos à universidade despreparadas, sem bagagem de leitura ou uma vivência que nos preparasse para esse meio completamente branco, elitista, classista e segregado, longe de nossas realidades. Viver o cotidiano sem a habilidade de refletir sobre as ações é confortável, pois não pensamos sobre os absurdos e seguimos com a ignorância. Ignorar os fatos na sociedade capitalista, mecanicista e meritocrática, é confortável e viável para esta máquina de produzir o racismo.

Chegamos à universidade tendo que nos portar, falar, vestir, mudar nossas concepções e lidar com aqueles que já foram preparados durante uma vida toda para estarem ocupando esses espaços.

Os negros cotistas que chegam aqui, são recebidos com um choque de realidade, nos é imposto o desafio da mudança que ninguém espera, de ter consciência da sua própria raça, pois nas escolas é ensinado que o negro(a) é igual ao branco e que não possuímos diferenças raciais em um país em que houve uma política de segregação como o Brasil e que ainda permanece enraizado no pensamento brasileiro.

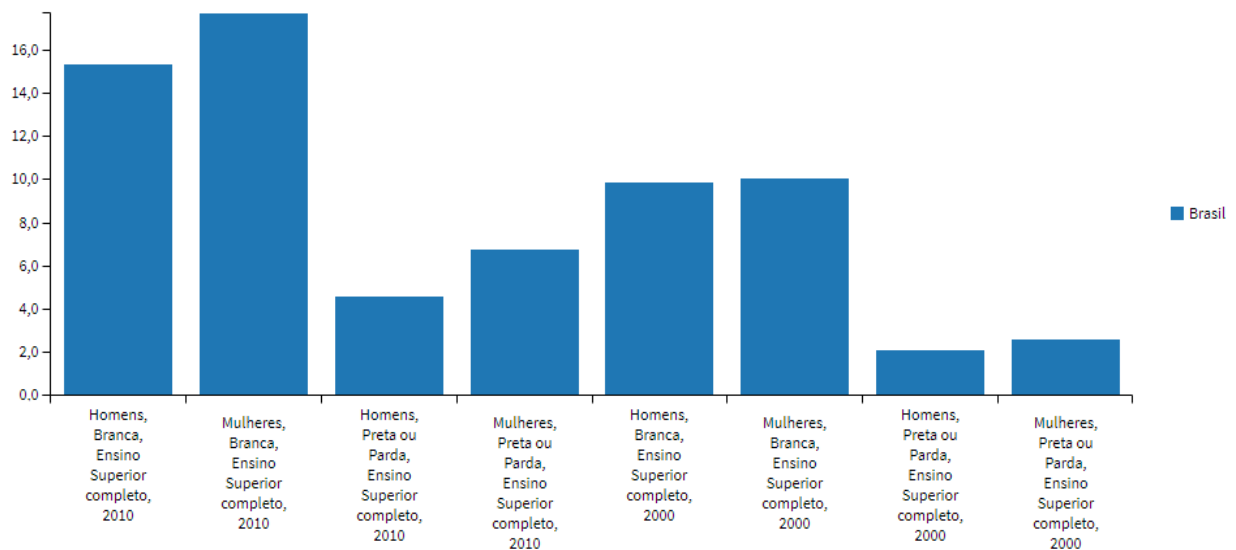
Saímos de nossas casas no primeiro dia de aula acreditando que ao chegar à universidade será tudo diferente, por ser um ambiente acadêmico onde o acesso à informação chega. Deste modo, acreditando na instituição que escolhemos prestar um vestibular, infelizmente a experiência foi e continua sendo totalmente diferente do nosso imaginário, chegamos aqui sendo recepcionados por olhares tortos carregados de racismo institucional, estrutural, constitucional e velado vindo de pessoas que estão no topo da pirâmide da hierarquização social. Com o passar das aulas comparamos nosso desempenho com os colegas não cotistas e com a condição financeira favorecida com tempo suficiente de estudos e reflexão.

Um choque cultural total: Portar-nos, falar, vestir, mudar nossas concepções e lidar com aqueles que já foram preparados durante uma vida toda para estarem ocupando esses espaços, gera uma disputa de poder, nos remete a um novo estilo de colonização, pois as nossas culturas são obrigatoriamente manipuladas para sermos aceitos no meio acadêmico, causando uma máscara branca em uma pele negra (FANON, 2008), refletindo no que diz respeito à permanência estudantil, causando a desistência por falta de auxílios que deem o suporte para obter o acesso a estes pré-requisitos de sobrevivência acadêmica.

Percebemos a seleção de quem pode entrar na universidade quando terminamos a inscrição que gera um boleto de R\$ 110,00 reais com o vencimento em 30 trinta dias, ou no desempenho do vestibular na pontuação máxima e mínima dos estudantes optantes e não optantes por cotas. Podemos perceber as diferenças, também, no desempenho das notas.

Vivemos uma contradição no meio acadêmico, debatemos as patologias sociais, mas estamos com elas em nossas salas de aula sendo caladas, invisibilidades e, mesmo assim, procuramos as respostas das nossas perguntas nos livros e textos de homens pertencentes ao continente europeu que, de sua perspectiva, descreveu o mundo.

Taxa de conclusão do ensino superior por etnia, branca, preta e parda



Fonte: IBGE, 2017².

A raça chega primeiro que a fala, não é preciso saber onde o negro mora, estudou, ou os lugares que frequenta, o racismo se estrutura de tal forma que a raça fala mais alto, a raça chega primeiro, diferentemente do branco que leva sua raça como padrão sem estereótipos negativos.

Os negros acabam sendo massa de manobra do sistema, que nos incentiva a nos subalternizarmos usando o falso discurso de democracia racial, onde, teoricamente, somos todos iguais e que existe apenas uma raça, a humana. Mesmo nos incentivando a

² Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca.html?=&t=resultados>>. Acesso em 2017.

acreditar que existe apenas a raça humana, não deixam os seus privilégios brancos de lado e a população negra acaba tendo como referência o colonizador branco que matou, estuprou, vendeu e torturou. História essa, que é apagada dos livros didáticos, pondo-os como protagonistas desbravadores e conquistadores de territórios.

Deste modo o estilo de vida eurocêntrico que rodeia essa sociedade embranquecida nos causa danos de identidade e psicológicos, pois a trajetória dos afrodescendentes é apagada não colocando em pauta a contribuição da construção deste país.

Não vemos nossas culturas expostas desde o tempo escolar, pois os profissionais que estavam “preparados” para lecionar não sabiam a nossa cultura de modo que a enaltecesse, contando sobre a arte, a filosofia, a geografia do espaço, assim como a origem da população antes de ser escravizada. A história do negro não se baseia apenas no século XVIII ou XIX, as aulas podem se enriquecidas de informações utilizando vocabulário e perspectiva de futuro para o afro-brasileiro que a assiste. Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar (NELSON MANDELA, [s.d.], online).³

A Lei 10639/03⁴ tem como objetivo colocar em vigor o ensino da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política, pertinentes a história do Brasil.

Percebemos a dificuldade dos professores em lidar com os alunos cotistas presentes no meio universitário, a presença da periferia que está descendo do morro e ocupando o asfalto e o despreparo em lidar com a realidade que é contada através dos papéis onde os protagonistas destas histórias contadas estão na mesma sala, vivos e presentes.

Os alunos, ao despertarem nesta realidade complexa a ser contada, pelo fato de ser sentida introduzida em mono segundo de tempo no presente, tentam explicar o conceito do racismo, é como um jogo de xadrez.

³ Disponível em: <<https://tv.unesp.br/old/4739>>. Acesso em 15 de setembro de 2022.

⁴ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em 15 de setembro de 2022.

Somos a geração *tombamento* que desceu do morro e está ocupando o asfalto, a nova característica de cotista das universidades brasileiras, a geração “*Lulinha*”, o projeto que o Brasil pensou ao nos tirar da linha da miséria.

A geração conhecida como a *Geração Tombamento*, que resiste e conhece a expressão “empoderamento” a partir das suas vivências na universidade e, na comunidade, passa a ter consciência da sua raça. A partir daí, reconhecem a sua identidade e adquirem pertencimento ao se enxergarem e analisarem o contexto vivenciado dentro da academia. O aluno ganha expressão e utiliza a sua história para colocar-se em um lugar que não é visto, seu Black Power começa a ganhar vida, seu estilo é próprio, seu lugar de fala começa a ganhar valor, a sororidade para com o outro se torna importante e assim são formados os coletivos que objetivam debater as demandas do povo preto acadêmico. Transmitindo através de oficinas, palestras, peças de teatros e eventos, o nosso local de fala e a história mal contada dentro desses ambientes embranquecidos.

Esses movimentos vão para além dos muros da universidade. A *Geração Tombamento* está nas batalhas de rap, na roda de samba, nas exposições urbanas do grafite, nas artes de resistências e é assim que se mantém a geração que está tombando.

A *Geração Tombamento* é a expressão política negra do século XXI que faz do seu estilo a sua identidade e pertencimento aos ambientes que nos excluem e nos oprimem. Esta geração utiliza, pelos meios midiáticos, as suas expressões e seus estilos, os cabelos alisados, passam por uma transição, se enrolando e se encrespando. Tem as mais radicais que preferem começar esta etapa do zero raspando os seus cabelos.

O tombamento veio para tombar todo o racismo, segregação e diferenças, valorizando a identidade perdida, reconhecendo as histórias e se colocando no espaço/tempo como um protagonista da sua própria história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É difícil escrever sobre a vida dos estudantes negros quando se trata da minha vida também. Todos os dias na universidade escutamos sobre os casos de racismo constitucional, institucional, velado e não velado.

A *Geração Tombamento* é a geração de resistência, não esquecendo as gerações passadas, mas sim as enaltecendo, pois somos o reflexo da luta antirracista que fez com que a nossa resistência nas universidades tenha força.

Incômodos e a vontade de desistir, nos leva a pensar que esse lugar não é nosso ou que o curso em que estamos não nos representa, mas, ao conversar com outros protagonistas desta história, percebemos que não estamos sozinhos. Falar da minha vivência e da vivência dos meus colegas, e também a da minha irmã, é frustrante e prazeroso. Poder ter a percepção da dupla consciência, se colocar no mundo e perceber onde a inteligência pode nos levar, sinto, que nos torna juntos mais fortes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. **Planalto Central**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em 15 de setembro de 2022.

DESIGUALDADES Sociais por Cor ou Raça no Brasil. **IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca.html?=&t=resultados>>. Acesso em 2017.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira - Salvador: EDUFBA, 2008.

FREITAS, Ana. A origem do conceito de empoderamento, a palavra da vez. **Central dos trabalhadores e trabalhadoras do Brasil**. 2016. Disponível em: <[18 de julho - Dia Internacional Nelson Mandela. **TV Unesp**, \[s.d.\]. Disponível em: <<https://tv.unesp.br/old/4739>>. Acesso em 15 de setembro de 2022.](https://ctb.org.br/noticias/cultura-a-midia/a-origem-do-conceito-de-empoderamento-a-palavra-da-vez/#:~:text=%E2%80%9CEmpoderamento%E2%80%9D%20%C3%A9%20um%20desse%20casos,e%20autonomia%20de%20se%20desenvolver.>>. Acesso em 14 de setembro de 2022.</p></div><div data-bbox=)